

A ÚNICA FONTE DA “VIDA NOVA”

A QUE SOU CHAMADO

JESUS CRUCIFICADO

Rm 6,4

Introdução

Foi esta circunstância que vamos vivendo - a pandemia - e que tentei “ler” no primeiro encontro - que me conduziu a este “tema”, que aliás me parece muito bem condensado nesta antífona dum salmo, penso que de Vésperas.

“Só existe uma árvore da qual jorra a vida. Jesus Crucificado”
Aqui ficamos colocados entre a simbologia da árvore e da cruz, entre "o paraíso perdido" do Génesis Gn3,23) e o "paraíso encontrado" para que nos aponta o Apocalipse (Ap 22, 2). No centro deste percurso, e como que seu eixo, está Jesus no seu Mistério Pascal.

A árvore, ligada ao ritmo das estações, portadora de frutos, e dos mais variados, e de uma força misteriosa que todos os anos a arranca à morte para recuperar a sua verdura e pujança, o seu esplendor e beleza, a árvore, apareceu sempre e em todos os povos, naquela sua realidade, como particularmente aberta a significar o que o homem tem de mais sagrado e interessante, a vida. A vida na sua dimensão histórica e a vida na sua aspiração à eternidade. A árvore de folha perene evoca exatamente para o homem, esta eternidade.

Também o Povo Bíblico perfilhou esta simbologia. O Deus VIVO colocou no centro do Paraíso que preparou para o homem a "árvore da vida" e a "árvore do conhecimento do bem e do mal" (Gn 2,9).

São duas árvores, sem dúvida, mas do ponto de vista simbólico equivaler-se-ão porque uma não pode existir sem a outra.

A vida que aí tinha à sua disposição proporcionar-lhe-ia aquela sabedoria, aquela luz que ilumina a todo o homem sobre a terra, e a sabedoria que assim ia adquirindo fornecia-lhe o indispensável sentido da vida.

Era a vida que o Senhor lhe oferecia. Era a vida que o Senhor lhe indicou como a deveria manter: no respeito por si e por Deus, aceitando-se como criatura, vivendo aquela dependência criadora daquele que é a fonte da vida. Que a dá.

Mas o homem quis mais, quis ser o senhor daquilo que devia agradecer como um dom. Quis ser "como Deus" (Gn 2, 5), quis ser ele a fonte, a única e última referência do seu viver.

Desobedeceu. O pecado. Em resposta teve a interdição do acesso àquilo que procurava. E mais do que isso, e pior do que isso, perturbou tudo. Perturbou a ordem em que fora criado. Quendo subir acima de si mesmo, perturbou-se no que era e no que era chamado a ser. Foi expulso do "paraíso" (Gn 3,23).

É claro que mesmo aqui, e logo aqui, ficou a esperança. Um descendente da mulher vai fazer recuar as coisas à sua verdade, ou fazer com que tudo avance para uma verdade absolutamente insuspeitada (cf. Gn 3, 15). A rebelião do homem contra Deus, rebelião que o "matou", não extinguiu em Deus o desejo de lhe dar a vida para que o criou.

Do outro lado temos a cruz. Que era instrumento de condenação. De morte. Era mesmo sinal de maldição. Dependurado do madeiro o condenado aparecia como um maldito de Deus, que contaminava mesmo a terra onde era executado (cf. Gn 40, 19; Js 8, 29; 10,26; Dt 21, 22s).

Se a árvore que era símbolo de vida, se tom torou em veneno para o homem que, indevidamente se apoderou dos seus frutos, a cruz, símbolo da morte e maldição, abraçada na obediência ao criador, vai tomar-se símbolo da vida, caminho de regresso ao "paraíso perdido".

Caminho que vai ser de "regresso" a "um paraíso" cuja novidade ultrapassará todas as expectativas humanas.

I - O HOMEM À PROCURA DE SI E DE DEUS - DA VIDA

Ao pretender tornar-se o possuidor, o dono daquilo que haveria de receber como um dom, a vida e a sabedoria a que ela conduz, o homem perturbou-se no mais profundo do seu ser. Atingiu-se na verdade do seu ser relacional.

Perturbou toda a criação.

Depois, atingido na sua verdade, na verdade do seu ser, o homem escondeu-se - deixou de poder ver a Deus - perturbou o acesso a Ele, verdadeira fonte da vida.

A história deste homem, para a Bíblia, vai traduzir-se num prolongado esforço pela busca de si mesmo, da sua verdade, e da verdade de Deus. Desse Deus que não é um rival, vaidoso e cioso de si mesmo, da sua superioridade, como insinuou a serpente (cf. Gn 3, 5). Um esforço do homem sob a graça do Senhor, certamente.

Duas verdades essas, de Deus e do homem, que se iluminam uma à outra.

Um caminho este que o homem vai percorrer em três dimensões que se completam e entrelaçam. Por uma progressiva e cada vez mais profunda experiência de si mesmo, do Deus que o criara, e do mundo em que o colocou, e que o rodeia. Um percurso com altos e baixos, com avanços e recuos, mas em frente. O Espírito de Deus vai fazendo a sua obra.

Pela experiência de si mesmo

Ferido embora, o homem não se destruiu. Não destruiu em absoluto, o que em si mora do Deus que o criou.

Ele é e sente-se como um grande desejo de viver. É este desejo, que muitas vezes se traduz por esperar, anelar, querer, uma característica própria do homem, da sua *nefeshe*, da sua alma, do seu ser. De Deus e dos animais nunca se diz, em sentido próprio que desejam.

Esta força/tensão, é de facto, no homem, um sinal da sua finitude e indigência, mas é também um sinal da sua vontade de se superar, ou da sua abertura ao transcendente, ao infinito, à eternidade, a Deus...

Por isso desejando a vida, sendo para a vida, o homem deseja tudo o que o faz viver, o próprio Deus (Is 26, 8-9), comer carne (Dt 12, 20), etc..

Mesmo quando a experimenta dura (Jb 7, 1), e envolta em mistério, penosa e incompreensível - "porquê dar a luz aos infelizes" (Jb 3, 20) mesmo assim, o homem sacrifica tudo para viver... os bens, os familiares...tudo (Jb 2, 4). Para além do mais é sagrada, porque tem origem num sopro de Deus (cf. Gn 2,7; Sb 15, 11).

A experiência da morte, no entanto, vem dar à vida uma ambiguidade muito grande.

A morte perturba-lhe a existência. Cria nele a angústia. A morte que ele vai sentindo na fragilidade da vida, que experimenta como uma fumaça (Sb 2,2), que, diminuindo progressivamente (cf. Gn 47,8), vai aparecendo cada vez mais curta (Jb 14, 1; SI 37, 36). Doente sente-se perto e a caminho da morte, do reino das sombras (cf. Sb 17, 20; Jb 10, 21), onde se se existe já não se vive, onde não há razão, não há ciência e não há saber (cf. Ecl 9, 5-6). É uma coisa "amarga" a morte (cf. ISm

15,32). Acaba com a relação com Deus que no mundo dos mortos já não é possível, e o grande desejo do homem é viver e louvar a Deus (cf. SI 88).

Entretanto o homem também se resigna diante dela. É lei da vida, uma lei igual para todos (Sir 41, 3-4; Ecl 1,4), é o "caminho de todos os vivos" (IR 2,1ss; Js 23, 14; 2Sm 12, 13). E neste caso, o ideal é durar muitos dias. Esgotados, saciado o desejo, o homem vai feliz para junto dos seus (Gn 25, 8; Jb 42, 17).

Mas apesar de tudo, esta "resignação" diante da evidência da morte, não o satisfaz, não responde à sua "sede" de vida, tranca-lhe a abertura ao sempre... ao para sempre. Pensa por isso, na vida para além da morte: viver na memória dos seus amigos (cf. Sir 44, 8). Prolongar a sua existência naqueles que são os seus descendentes (cf. Gn 6, 4; Nm 16, 2; Sir 15, , etc.). Continuar no mundo dos vivos por um nome notável que se procura durante os dias da vida (cf. Sir 41, 11; Pr 22, 1).

Mais, certo da morte, certo que então deixará tudo quanto o constitui como homem, como homem vivo, a relação com os amigos, com o mundo e com Deus, mesmo assim, ao morrer, o homem confia numa "palavra" de Deus - "Eu porém, Senhor clamo por ti; de manhã a ti apresento a minha oração. Por que me rejeitas, Senhor, e escondes de mim o teu rosto?" (SI 88, 14).

Quer dizer, a angústia não se traduz na afirmação do nada; não é experiência do nada, mas nostalgia e desejo sem solução, afã não realizado de relação com Deus. O desejo do homem diante da morte não pode configurar-se senão como esperança, e num abandono inteiro e total à própria fonte da vida do ser (SI 16)

Sente-se, o homem, votado para a vida, ainda que a morte insista em tapar-lhe os horizontes. Sempre fica a grande interrogação-esperança... por que me rejeitas, Senhor? "Lembra-te de mim, Senhor" (Jb 7, 7)

Pela experiência de Deus

Ao mesmo tempo, a experiência que faz de Deus, vai-lhe revelando que o seu Senhor é um Deus de vivos e que quer a vida, um Deus que é fonte de água viva (Ir 2, 13; 17, 13) e mesmo fonte de vida (SI 36, 10).

A vida é um sopro de Deus, (Is 42,5). Tendo criado o homem para viver (Sb 1, 12-13; 2,23), o Criador não tem prazer nenhum na morte de quem quer que seja (Ez 18,32). Neste horizonte, estende aos homens caminhos de vida. A sua lei com os seus preceitos são caminhos de vida, são luz que iluminam os passos de quem os vive (cf. Lv 18,5; Dt 4,1; SI 119, 33.35.105.130). A sabedoria que é igualmente um dom Seu para os que a procuram é "árvore da vida" (Pr 3, 18). Omnipotente, Deus faz regressar à vida os ossos ressequidos (Ez 37).

Mas também aqui, e mesmo aqui, o homem chega à terrível conclusão da sua incapacidade. Se a sabedoria tem os seus limites (cf. Ecl 1,17; 9,16) e uma pequena "loucura" basta para a corromper (cf Ecl 10,1)), como dirá o autor do Eclesiastes, o cumprimento da Lei também não está ao seu alcance (cf. SI 119, 17). Antes lhe revela o pecado, sem lhe proporcionar a força que o liberte.

Nem isto entretanto anula no seu Deus o desejo de lhe dar a vida: Ele mesmo Vai criar no homem aquelas disposições de coração, que lhe vão possibilitar a resposta, a sua resposta, que lhe vão possibilitar a sua comunhão com o Deus da vida. Vai colocar a lei no seu coração (cf. Ir 31, 33). Vai transformar o seu coração de pedra em coração de carne (cf. Ez 11,19).

Como? É com o Senhor. Ele sabe.

Deus de vida, é um Deus de amor. Um Deus que se vem revelando como um Deus para o seu Povo, para o homem de quem que sente e vive

as próprias dores (cf. Ex 3, 7). Que propõe ao mesmo homem um pacto de amor (cf. Ex 19,4).

Como pode então este Deus permitir que desapareçam pura e simplesmente aqueles que tanto ama?! Aqueles com quem tem o projecto de "casar-se"?! E, mais ainda, como pode permitir que desapareçam no reino das sombras e das trevas, aqueles que morrem exactamente por fidelidade à sua Palavra, à sua lei, à sua vontade, como foi a experiência dos Macabeus (cf 2Mac 7, 1ss).

É assim que o homem se abre à revelação da vida para além da morte, a partir desta experiência de si e do amor de Deus.

Pela experiência do mundo

E esta abertura traz-lhe altas exigências na sua relação com o mundo e com o que o mundo lhe pode proporcionar.

Durante muito tempo esperava de Deus, uma vida longa, recheada de filhos, abundante, saciada de bens. Mas, a experiência que vai fazendo de tudo isso, vai-lhe mostrando a sua vacuidade. Tudo é vaidade. Tudo é vacuidade. Então será o homem um equívoco? Será o homem um engano? O que o homem pode fazer é entregar-se a Deus com confiança (cf. Eel 3, 11; 5, 6). Será a vida um caminho para a morte e à luz desta, e por isso, uma insuportável tragédia?! O optimismo e o pessimismo diante da vida e das suas contradições.

Mas os justos se parece que morrem, estão na mão de Deus (cf. Sb 3, 1ss).

Da vacuidade da vida, das riquezas e dos prazeres que proporciona, o homem, assente na fé na verdade de Deus, chega ao mesmo ponto... àquela abertura à palavra de Deus - à Palavra da Vida.

Que vida? Espere o homem e Deus dirá.

A par deste caminho trifacetado, o homem vai avançando também no mesmo sentido por outros atalhos.

O Servo de Javé vai libertar o Povo pela sua morte (cf. Is 53). A serpente cuja picadela matava, vai tornar-se em instrumento de cura para quem olhar para a sua imagem cuja construção Deus confiou a Moisés (cf. Nm 21, 4ss).

A cruz, instrumento e morte e maldição vai tornar-se veículo de justiça "Bendito seja o madeiro pelo qual vem a justiça" (Sb 14,7)

Aqui a grande abertura à revolução que Jesus vai trazer ao dar à morte um sentido positivo, ao torná-la caminho de vida... porta de acesso à eternidade...

II - JESUS CRUCIFICADO A VERDADE DO HOMEM E A VERDADE DE DEUS A ÚNICA FONTE DE VIDA

Ele, o Verbo, é a expressão eterna de Deus, Deus ele mesmo. Por ele e para ele tudo foi feito e nele tudo subsiste. Ele é a vida que, comunicando-se cria, e se faz luz que ilumina todo o homem na busca da verdade de si mesmo, na busca da vida (cf. Jo 1,4-5).

Ele, o Verbo de Deus, a Palavra, fez-se carne (cf. Jo 1, 14), fez-se verdadeiramente homem e homem verdadeiro. Quer dizer homem sem deficiências e sem acrescentos. Não é uma aparência de homem, nem é um super-homem.

Assim se fez para, pela sua humanidade nos elevar à participação da sua divindade. Desceu do seu mistério para, pela visibilidade numa vida igual à nossa, nos fazer subir a participar da sua "condição divina" (cf. Fl 2, 6ss)

É por este Jesus, homem verdadeiro que é, que temos acesso ao Deus verdadeiro que Ele também é.

É por este homem que temos acesso à Vida, à Vida Divina, por referência à qual esta se relativiza e encontra o seu sentido. Vale e vale muito, esta nossa vida, mas vale na medida em que é caminho para aquela, na medida e enquanto é luz (cf. Jo 1, 5) que nos abre o caminho da outra. Quer dizer que é também por esta, na medida em que se vive e se vive em profundidade que nos vamos abrindo ao mistério da outra, e vamos fazendo a sua experiência incoativa..

Homem autêntico Jesus de Nazaré é antes de mais um homem que tem um alto apreço pela vida, por referência à qual se relativiza o alimento (Mt 6,25) também relativiza mesmo uma lei religiosa, o Sábado, uma das leis a que o povo era mais sensível. Quando está em risco a vida dum homem, tudo cessa (cf. Mc 12,27).

Porque percebido como amante e respeitador da vida a sua presença é quase incompatível com a morte, como parece entender uma das irmãs de Lázaro "se estivesses aqui meu irmão não teria morrido" (10 11,21).

Por isso foi particularmente sensível à morte dos outros e à angústia que nos outros sentia diante da iminência da morte. Assim aconteceu com Jairo, (cf. Lc 8, 41s) assim aconteceu com a viúva de Naim (cf. Lc 7, 11s). E se libertou da morte, libertou também dos caminhos da morte. Da doença, da fome e da sede, da ignorância. Foi efectivamente pelo ensino, também pelo ensino, que Jesus procurou situar o homem na verdade da sua relação com o mundo, com Deus, e com os irmãos. Que Jesus procurou levar o homem à verdade da sua situação inicial.

Homem de vida e para a vida, nunca a morte o fez recuar do seu serviço à vida, do seu serviço aos irmãos é que "o Filho do Homem não

veio para ser servido mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos" (Mc 10, 45). Avisaram-no do perigo que corria - João Baptista já tinha sido executado (cf. Lc 13,31). Ma nem disso ele precisava. Sabia muito bem do que o vinham acusando: de violar a lei do Sábado (cf. Mc 2,24; 3,2), de agir em nome e sob a ordem de Belzebu (cf. Mt 12, 24). E isso era passível de pena de morte. E depois não lhe era desconhecida a sorte de todos os profetas (cf. Mt 23,37).

Quer dizer Jesus prevê que vai ser morto. A sua morte não acontece por acaso. Ela é um corolário da sua vida, da sua luta pela vida e pela verdade. Possuído por esta paixão, dominado pela fidelidade à missão que assumiu como sua, que assume custe o que custar, aí se mostrou como um HOMEM com letra grande, é verdade, mas um homem que também o é quando, diante da morte, da sua morte, tem medo, e se perturba (cf. Jo 12, 27).

E Jesus teve medo (cf. Mc 14,34.36). Passou por uma profunda angústia diante da iminência da cruz que o esperava. Pediu ao Pai que o libertasse...mas se for o caso de não poder ser, prevaleça a fidelidade à missão, à vontade do Pai. Angústia até ao suor de sangue (cf. Lc 22,14).

O homem no seu mistério. O medo e a confiança! O querer fugir, e vontade filial de obediência.

E morre o homem que tanto lutou pela vida. E morre em plena luta, como aliás se depreende das suas palavras na última ceia (cf. Mc 14, 22-25). E morre só. Só dos seus amigos. Só de tantos a quem matou a fome, a quem restitui à vida e a uma vida com qualidade.. Aquele que passou pela terra a fazer o bem. E se uns o ridicularizam - "salvou os outros e não salvar-se a si mesmo"; "Desça agora da cruz para acreditarmos" (cf. Mc 15, 31-32), até os que foram crucificados com ele o

injuriavam (cf. Mc 15, 32). Era o descalabro de tudo o que foi a sua vida! Mataram-no. Era o descalabro de tanta esperança que fez nascer nos que O seguiram (cf. Lc 24, 13ss).

Como é possível!? "Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?!"

Como é possível que Deus o tenha esquecido neste silêncio. Nesta inacção?!

É o mistério da cruz de Jesus!? Maldito!? Maldito aquele homem!? O mistério de Deus?!

Ali está Jesus solidário com todo o homem. Com o homem que luta e sofre a dor e a morte, com todo o homem que se dá pelo outro pela verdade da sua vida e do seu bem estar, pela sua dignidade e dignificação.

É o corolário de uma vida pela verdade e pelo amor, pela justiça e pela liberdade, de uma vida de perdão e de misericórdia, de uma vida cujo alimento foi fazer a vontade do Pai (Jo 4, 34). Foi isso que fez vir ao de cima a fome de vingança, a injustiça e a opressão, a mentira e o ódio, na cegueira da sua força de morte, que fechavam o homem sobre si mesmo.

Não. O Pai não o esqueceu. O Pai ouviu a sua oração. Aquele que o podia libertar da morte não o deixou entregue aos seus horrores (cf. Heb 5,7). O Pai ressuscitou esse Jesus que vós crucificaste (cf. Act 2,23).

E ei-Lo que aparece em toda a sua glória, com todo o poder no céu e na terra (cf. Mt 28, 18).

É a ressurreição que vai revelar até ao fundo o mistério daquela cruz que já desde a primeira hora aparecia a quem conheceu aquele Jesus, como uma grande interrogação.

Foi o mistério da ressurreição, foi Jesus ressuscitado que fez com que Paulo entendesse aquela morte e aquele morto que inicialmente lhe

aparecera como um maldito e o motivara para uma feroz perseguição a quantos o seguiam. O que lhe operou uma absoluta viragem na sua vida.

É pela ressurreição que o filho de Davi é constituído filho de Deus na sua humanidade (cf. Rm 1, 4), que a morte aparece então como a sua grande vitória sobre todas as forças do mal que a ela O levaram, que a morte é vencida no seu próprio terreno. Jesus venceu a morte morrendo. Fazendo dela um gesto de serviço e de amor. Um gesto de obediência filial ao Pai, á fonte da vida. E se é por referência a ela que se revela a força do pecado, é também por referência a ela que se toma patente a infinitamente superior força do amor. O amor é mais forte que a morte. Vale a pena amar. Vale a pena morrer de amor?!

É ali, morto, que Jesus é a reconciliação do homem com o Pai (cf. Rm 5, 11), que Jesus é o perdão do pecado (cf. Cl2, 13; Ef4, 32). É ali que Jesus é a "nossa paz", que Jesus derruba o muro da separação entre os homens (cf. Ef 2, 14). Que se toma na fonte de vida para aqueles que acreditarem. Para aqueles que pela fé se enxertam nele e com ele passam à vida divina, à vida do Pai - já não sois deste mundo, diz Jesus àqueles que o seguem, mas sois do mundo e Deus (cf. Jo15, 19). A "vida nova" do batizado, de Rm 6m4.

Ali na cruz, o Filho, que a ressurreição revela ser aquele Jesus, é a expressão mais alta do amor do Pai, que nele dá o que tem de mais Seu ou o que tem de mais Ele (cf. Jo 3, 16). Recordemos Abraão.

É ali que Jesus, revelando esse amor, se constitui numa irresistível força de atracção (cf. Jo 12,32) para todos os homens que forem capazes de "olhar para aquele que trespassaram" (cf. Jo 19, 37).

A cruz é de facto a grande hora da Sua vida (cf. Jo 2,4; 13,1). A hora da Sua revelação e por isso mesmo, a hora da salvação, a hora da Vida.

O madeiro da maldição transformou-se, na "árvore da vida", e da vida nova, a que tem acesso todo o que vencer (cf. Ap 2, 7), todo o que aprender daquele Jesus que é manso e humilde. Daquele Jesus Crucificado que é a sabedoria de Deus (1 Cor 1, 24), sabedoria que continua a ser escândalo para uns e loucura para outros (cf. 1 Cor 1, 23).

Em conclusão:

É a hora da verdade, a cruz. Da verdade do homem. Desse homem que, mais do que solidário com aqueles de quem se fez igual, e solidário até à crucifixão, não se envergonhou de lhes chamar irmãos (cf. Hei 2, 11). Ali Ele é o irmão. A verdade do homem misericordioso, fiel a si mesmo e à sua missão e fiel até ao fim. Do homem que ama e se dá em autêntica paixão pelos irmãos, na obediência inteira a Deus, diante do qual se assume como criatura diante do mistério de Deus. O HOMEM.

Quando lemos o Cap. 22 do Génesis, a narrativa do sacrifício de Isaac, facilmente entendemos presente no filho de Abraão o tipo de Jesus que carrega com o instrumento do seu próprio suplício. Mas Isaac não sabe para o que vai. Ali o sacrifício é do pai, de Abraão.

Jesus, aquele homem de Nazaré, é o Filho de Deus. Dum Deus que, ali, não é o rival do homem, dum Deus que, pelo homem se entrega todo. Dum Deus que se humilha até à morte e até àquela morte, dum Deus que no Filho, no seu único Filho se faz maldição por nos arrancar à maldição que nos era devida pelo pecado (cf. Gl 3, 13)..

Como é possível? É no mistério de Deus que está o sentido da cruz.

É na convergência destas verdades nesta plenitude da comunhão do homem com Deus, que acontece a salvação. Aí na pessoa do Filho, feito homem, celebrou-se definitivamente o casamento, a aliança de Deus com a humanidade, por força e na força do Espírito enviado.

Fonte de vida, na cruz, Jesus é igualmente "o caminho" para ela. É aí que é verdadeiramente "o caminho a verdade e a vida" Jo 14, 6). Jesus é causa eficiente e causa exemplar de salvação, para aqueles que a fé constitui sarmentos da mesma cepa (cf. Jo 15, 1ss). Mortos e sepultados com Ele, no Batismo sacramento daquela fé, como Cristo Ressuscitou, também nós somos chamados e capacitados para uma "vida nova". Para uma vida pela vida, naquela morte (cf. Rm 6, 3s).

Dissemos que o Pai ouviu Jesus. Ouvia-o mas ultrapassou-o no seu pedido, no objeto da sua súplica. Se Jesus pedia para passar ao lado daquela morte iminente, o Pai, deixou-o morrer, mas ressuscitou-o, para uma vida nova, sem medos nem sombras sem riscos, a vida eterna, a vida de Deus, em que introduziu a sua humanidade. Quer dizer nesta resposta o Pai revelou a profundidade do seu desejo de não morrer, do seu desejo de vida, e revelou também, a dimensão eterna, a dimensão divina daquele amor que comandou a existência desse Jesus que então se batia na última batalha, agora com a sua própria morte, para a vitória definitiva.

Finalmente. Sabemos que no início da pregação primitiva, os Apóstolos não falavam da morte de Jesus, da sua morte de cruz. Tinha sido uma desgraça. Tinha sido uma ignomínia que Jesus morresse crucificado. E depois o importante era de facto a ressurreição.

Mas foi a experiência da ressurreição, ou a experiência do ressuscitado que os fez entender até ao fim a verdade daquela cruz. E quando vão escrever os evangelhos, o que vai dominar vai ser precisamente a Paixão e morte de Jesus.

Quer dizer, a fé em Cristo ressuscitado, não os afastou do Jesus crucificado. A fé na ressurreição não os afastou da história mas reconduziu-os a ela, ao compromisso histórico, na nova escala de valores que Jesus, na sua cruz, introduziu (cf. FI 3, 7-8)..

Beber da água que jorra daquela nascente para a vida eterna, comer do fruto daquela árvore, supõe e exige aquela identificação com a fonte de que fala Paulo - já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim -, e que Jesus colocou na frente dos seus: "não sois mais que o vosso mestre" (10 13, 16).

E se nele e por ele saciamos a nossa sede de vida , também nessa comunhão inteira, cooperamos com ele, completando os Seus sofrimentos em favor do Seu corpo que é a Igreja (cf. Cl 1, 14).

PARA REFLEXÃO

(Uma hipótese)

Act 2,42: *“Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações”*

Jesus, essa inesgotável fonte de vida, é **a Palavra** do Pai, Palavra dita na sua plenitude na “cruz” , a sua hora suprema , hora que, em Caná, não tinha vindo, mas que veio na Calvário. Hora de passar deste mundo para o Pai. Hora do Amor. (Jo 13,1).

É caminho privilegiado para o encontro com Jesus:

- Essa Palavra que **leio**, estudo, medito e rezo. Palavra na qual e pela qual Deus vem falar comigo como um amigo fala ao seu amigo. Ouço?
- Essa Palavra que **celebro**, nomeadamente e sobretudo na Eucaristia. Memória perpétua daquela hora suprema. Leva-me lá?
- Essa Palavra que **vivo**, na minha relação com os outros, particularmente com os mais necessitados. Os Pobres. Foi com eles que Jesus quis identificar-se. Nas minhas obras de caridade, de presença efetiva aos mais pobres... Encontro-me mesmo com Jesus?